Ano XVIII — Fátima, 13 de Junho de 1941 — N.º 225

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António dos Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria. Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

A Nação inteira aos pés de Maria numa prece pela paz do mundo

# A grande peregrinação nacional ao Santuário da Fátima

Treze de Maio — dia da Fátima, dia grande de Portugal!

Nossa Senhora, gloriosa Padroeira da nossa querida Pátria, mais uma vez a protegeu e salvou, descendo do Céu à Cova da Iria e comunicando a três inocentes crianças, no meio duma charneca árida e estéril, a sua preciosa mensagem de graça e de perdão.

Foi há 24 anos que se realizou o milagre suavíssimo da divina aparição.

E, a partir dessa hora abençoada, de misterioso contacto entre a terra e o Céu, o nosso país, numa ascensão prodigiosa e admirável, foi seguindo a sua rota de luz e de glória, transformando-se política, moral e religiosamente, desde a revolução nacional de 28 de Maio iniciada junto do Sameiro até à organização oficial da Acção Católica e desde então até aos esplendores deslumbrantes da apoteose do Duplo Centenário e ao acto transcendente da celebração da Concordata e do Acôrdo Missionário.

Ao brado de «oração e penitência!», a Nação inteira acorreu, em vagas sucessivas e cada vez mais alterosas, ao Santuário Nacional da Fátima e Jesus, pelas mãos puríssimas da augusta Padroeira, firmou o seu império de amor e misericórdia na terra privilegiada de Santa Maria.

Bendita seja, mil vezes bendita, a Santa Mãe de Deus que, para salvar Portugal fêz da Cova da Iria o mais belo centro de devoção marial e o trono mais esplendoroso de amor e culto ao Santíssimo Sacramento!

### A Via-Sacra pela paz do mundo

A peregrinação nacional de Maio constituiu grandiosa e imponente manifestação de fé e piedade em que tomaram parte centenas de milhar de pessoas provenientes de todos os pontos do país, ainda os mais distantes.

Durante o dia 12, foram chegando centenas de grupos organizados de peregrinos de tôdas as dioceses. Ao cair da tarde, a multidão era já compacta e enchia por completo o vasto recinto do Santuário.

A cada passo, deparavam-se fiéis que, profundamente recolhidos e rezando com fervor, se arrastavam de joelhos em cumprimento de promessas feitas porventura em horas de aflição e angústia e que a Virgem, na sua piedade maternal, se dignou atender.

O venerando Episcopado Português estava representado pelos Senhores Bispos de Leiria — *o Bispo da Fátima*, segundo a expressão popular — de Beja, do Algarve, de Limira e de Gurza. Dois dêles, o de Beja e o do Algarve, presidiam às peregrinações das suas dioceses. A do Algarve compunha-se de mil e quinhentas pessoas.

Entre os peregrinos, só da Juventude Católica Feminina havia mais de cinco mil filiadas. Apresentavam-se de uniforme e com inúmeras bandeiras e ostentavam ao peito o respectivo emblema.

Anciãos venerandos passam de mãos erguidas, rezando devotamente o têrço. As preces dos doentes misturam-se com os cânticos da multidão fremente de fé. As crianças, especialmente as das Cruzadas Eucarísticas, com os seus bibes brancos, põem notas claras de inocência na mancha cinzenta da turba. Por tôda a parte se reza e se faz penitência. Nêste oásis de paz que a bondade maternal da Virgem estabeleceu no coração da terra portuguesa não há ricos e pobres, nobres e plebeus: há só cristãos, irmanados na mesma fé e nos mesmos sentimentos, proclamando a crença comum nas mesmas verdades, no meio da mais consoladora e edificante comunhão espiritual.

Às 20 horas, realizou-se ao ar livre o pio exercício da Via-Sacra, promovido pela Juventude Católica Feminina a fim de implorar de Deus a paz para o mundo. Foi êste um dos números mais interessantes e mais comoventes da peregrinação do ano corrente. Os diversos organismos especializados saíram da igreja da Penitenciaria, sendo as catorze cruzes levadas por dirigentes que depois, no alto da escadaria monumental do Rosário as conservaram erguidas, enquanto durou o exercício. No terreiro superior tomaram lugar os Assistentes diocesanos rodeando o Assistente nacional, rev. P. Domingos da Apresentação Fernandes, que proferiu vibrante alocução preparatória.

Depois a cruz alçada seguida por um sacerdote que representava a multidão, em virtude de esta não poder mover-se fàcilmente, percorreu as catorze estações da Via-Sacra, em cada uma das quais um Assistente diocesano fêz uma breve prática apropriada sôbre a Paixão do Senhor.

Durante o piedoso acto foram entoados cânticos religiosos e no fim a multidão, encantador friso de juventude santificada pela graça de Deus e pelo amor da sua glória, cantou o hino «Salve, nobre Padroeira!» voltada para a capela das aparições.

A cerimónia interessou vivamente todos os peregrinos.

### A Procissão das velas e a Adoração nocturna

Às 22 horas, principiou a recitação em comum do têrço do Rosário cujo eco os alto-falantes projectavam ao longe e ao largo. Nos intervalos das dezenas entoaram-se cânticos em honra de Nossa Senhora.

Efectuou-se em seguida com grande e extraordinária imponência a procissão das velas durante a qual foram de novo cantados hinos marianos. Foi, como sempre, uma assombrosa manifestação de fé. Acenderam-se milhares e milhares de luzes. O imenso e flamejante cortejo percorreu as avenidas do recinto no meio do maior respeito e com a maior ordem e devoção. Quando terminou, era quási meia-noite. Deu-se então início à Hora de Adoração geral, tendo o rev. dr. Gustavo de Almeida discursado largamente, no intervalo das dezenas do Rosário, sôbre a oportunidade da celebração do «Cinqüentenário da Encíclica *Rerum Novarum* e a necessidade de orarmos para que na «pequena Casa Lusitana» se realize o pensamento augusto de Leão XIII.

Na peregrinação de Maio à Fátima como em muitas terras de Portugal e do mundo comemorou-se o quinquagésimo aniversário da célebre Encíclica do Santo Padre Leão XIII «Rerum novarum» sôbre a «condição dos operários». A escultura cuja fotografia apontamos, é original do distinto escultor portuense M. Caldas e representa o grande Papa, já vèlhinho, a explicar êsse célebre documento a um operário que o ouve atento.

No resto da noite, as várias peregrinações diocesanas fizeram as suas horas de adoração privativa, associando-se algumas delas entre si, em cada hora, para êsse fim. À tarde, em diversas ocasiões, num vôo sereno e pacífico, pairaram nas alturas, por cima da Cova da Iria, numerosos aviões militares cujos tripulantes juncaram de flores o lugar bendito das aparições.

Portugal, mercê de Deus e da Virgem, não usa e não quere usar doutra artilharia.

Durante a procissão das velas, voou, pela primeira vez à noite, na Fátima, um trimotor português, que fêz projecções de luz sôbre o recinto do Santuário.

### O côro falado da Juventude C. Feminina

No altar da Pátria que é o Santuário de Nossa Senhora da Fátima, refúgio de paz, Portugal inteiro ajoelhou de mãos postas erguidas para o Céu a implorar do Altíssimo, por intercessão de Maria, a paz para o mundo transformado num mar de sangue e de lágrimas.

O rev. dr. Gustavo de Almeida dizia a um jornalista, no Albergue da Cova da Iria, entre os gemidos abafados dos doentes: «Fátima é o nosso norte, a nossa luz e a nossa esperança».

O Padre soldado, rev. Payrière, exclamava maravilhado e comovido perante a grandiosidade e beleza de tal espectáculo: «A Senhora da Fátima e a Senhora de Lourdes salvarão o mundo conturbado».

E acrescentava: «A vontade de Deus pode mais que a vontade do homem».

O rev. dr. Cruz, S. J., o santo Padre Cruz, como o povo lhe chama, com os seus quási noventa anos, com a sua cabeça nevada, todo esperança e confôrto para os que sofrem, tendo a aflorar-lhe aos lábios um sorriso de bondade, juntava as mãos brancas de cera e ciciava num tom que traduzia a mais íntima convicção: «A Senhora da Fátima salvará Portugal!»

À hora inolvidável do «Adeus à Virgem», o grande orador e conferencista católico, sr. dr. Alberto Pinheiro Tôrres, preguntava a um peregrino de categoria:

— Já viu, em qualquer parte do mundo, coisa semelhante?

(Continua na 1.ª página)

# A grande peregrinação ao Santuário da Fátima

(Continuação da 1.ª página)

E a resposta foram, acompanhadas dum olhar de espanto, estas palavras significativas:

— Como aqui? Nunca!

Já dissemos que a Nação inteira ajoelhara na Fátima aos pés da Rainha do Céu. Com efeito, quantos e quantos milhões de portugueses queriam e não puderam ir à Cova da Iria! Mas êsses mesmos associaram-se de longe aos que partiram. Em Lisboa, Pôrto, Braga e Coimbra, em tôdas as terras do país, realizaram-se majestosas procissões de velas em que tomaram parte dezenas de milhar de pessoas. Através de mil e uma manifestações de piedade, a população da terra de Santa Maria integrou-se no espírito da grande peregrinação nacional.

Segundo o «Jornal de Notícias», do Pôrto, estiveram na Fátima, nêstes dias abençoados, duzentas a trezentas mil pessoas. Mas, na expressão do articulista, «Fátima desdobrara-se — alastrara, envolvente, a Portugal inteiro».

Às 6 horas, celebrou-se, no altar exterior da Basílica, a Missa da comunhão geral. Receberam o Pão dos Anjos mais de trinta mil peregrinos.

Às 10 horas, na escadaria monumental que conduz à igreja em construção, reüniram-se as cinco mil filiadas da J. C. F. para a execução do côro falado.

O rev. Assistente nacional, numa breve alocução, deu a explicação do que se ia fazer, afirmando que o «Côro falado» que ia ser executado dentro de poucos momentos era um cântico de louvor à Rainha e Padroeira de Portugal.

Falou em seguida a Secretária Nacional, senhora D. Maria Teresa Pereira da Cunha cujo discurso foi uma bela lição de vida cristã.

O côro falado, que tem por título «Senhora de Portugal», impressionou profundamente a assistência.

No fim, o Senhor Bispo de Leiria proferiu uma breve alocução de incitamento às raparigas da Juventude.

«Sêde exemplares, concluíu o venerando Prelado, e que a Virgem Santíssima vos abençôe e proteja!»

### A missa dos doentes

Ao meio-dia oficial, principiou a recitação do têrço do Rosário junto da capela das aparições.

Seguiu-se a primeira procissão, das mais concorridas e mais belas que se têem realizado na Cova da Iria, demorando uma hora a percorrer o itinerário do costume. À frente, hasteando dezenas de estandartes, viam-se as delegações da grande peregrinação nacional da J. C. F. Depois, as organizações operárias e académicas, as Irmandades e Confrarias, anjos de indumentária simbólica e dezenas de sacerdotes e seminaristas. Após êstes caminhavam os venerandos Prelados.

Reza-se e canta-se. Nuvens de lenços agitados pelos peregrinos dir-se-iam revoadas de pombas. No seu lindo andor, florido com rosas e cravos e levado aos ombros dos Servitas, a Imagem da Virgem Santíssima avança lentamente, em triunfo, sob uma chuva incessante de pétalas.

No imenso terreiro ao fundo da escadaria, estão, uns sentados em longas filas de bancos e outros deitados em macas, seiscentos e trinta doentes todos iluminados pela fé, confortados pela esperança e de olhos fitos — os que viam — na veneranda Imagem. São cegos, surdos, mudos, tuberculosos, paralíticos cancerosos... série interminável de vítimas de tôda a sorte de enfermidades.

A Missa oficial foi rezada pelo Senhor Bispo de Limira, D. Rafael da Assunção.

Ao Evangelho, o Senhor D. Marcelino Franco, Bispo do Algarve, subiu ao púlpito e leu a alocução que o Senhor Arcebispo de Évora, devia pronunciar, o que não pôde fazer por não ter comparecido devido a inesperado incómodo de saúde.

A alocução frisava a necessidade de todos os portugueses se sacrificarem voluntàriamente, reprimindo tudo o que de desordenado houver na sua vida, se quiserem continuar a disfrutar as graças do Senhor e orar eficazmente pelo restabelecimento da paz no mundo.

Termina a Missa dos doentes. Exposto o Santíssimo Sacramento no trono e cantado o «Salutaris», o venerando Celebrante, revestido de capa de *Asperges*, desce com a Sagrada Custódia os degraus da escadaria do Rosário. O rev. dr. Marques dos Santos, junto do microfone, faz as invocações que são repetidas em unísono pela multidão.

«Senhor, fazei que eu veja!

«Senhor, fazei que eu oiça!

«Senhor, fazei que eu ande!

Mais de trinta médicos e médicas, sob a inteligente direcção do sr. dr. Pereira Gens prestaram generosamente os seus serviços profissionais aos doentes, muitos dos quais se encontravam em estado bastante melindroso.

As beneméritas Religiosas Dominicanas da Cova da Iria com a sua Superiora, Rev. Madre Lemos, os Servitas e as Servitas, os rapazes e as raparigas da Acção Católica e as da Mocidade Portuguesa e alguns escutas prestaram também óptimos serviços, sendo inexcedíveis em zêlo e dedicação.

Tomou parte na peregrinação de Maio em acção de graças pela sua cura assombrosa e retumbante do ano passado, a grande miraculada senhora D. Dulce Moreira de Sá, espôsa do sr. Comandante Moreira de Sá, engenheiro da Câmara Municipal do Pôrto, que estava também presente.

Terminaram as comemorações oficiais com a última procissão, a consagração dos fiéis a Nossa Senhora e o cântico do «Adeus».

A peregrinação nacional foi uma peregrinação de súplicas e de actos de penitência para obter a paz. A oração pela paz constituíu o pensamento dominante, o traço característico desta colossal manifestação de fé e piedade que ficará assinalada em letras de ouro nos fastos do Santuário da Fátima como uma das maiores e mais belas de que êle há quási cinco lustros tem sido teatro.

Nossa Senhora da Fátima, Rainha da paz, salvai-nos e salvai Portugal e dai a paz ao Mundo!

*Visconde de Montelo*

# PEQUENAS NOTAS

### O Cruzeiro da dor

Continuam a chegar-nos de vários lados cartas encantadoras de doentes que se associam de alma e coração a essa formosíssima ideia de levantar na Fátima um cruzeiro que seja lembrança e padrão de tanta dôr, de tanto sofrimento que vai por êsse Portugal além.

Que bem não faz tomar contacto com essas almas que o Senhor trata com amor de predilecção associando-as à Sua Paixão dolorosíssima!

Todos enviam o seu óbulo a sua esmola porque o cruzeiro há-de ser obra de todos.

Mas falta ainda muito para se poder realizar de forma que nos não envergonhe.

E os que na Fátima ou por intercessão de Nossa Senhora viram terminar o seu sofrimento e obtiveram a cura, já se esqueceram de quanto devem a Deus?

Venha e depressa a resposta duns e doutros.

### O Mês do Coração de Jesus

Junho é o mês dedicado ao Sagrado Coração de Jesus.

Foi Nosso Senhor quem pessoalmente nos veio ensinar e pedir esta devoção nas célebres aparições a Santa Margarida Maria Alacoque em Paray-le-Monial em França.

Pouco a pouco essa devoção foi-se estendendo.

Não a deixemos desvirtuar nem arrefecer.

Por ela prestamos culto ao Coração que no peito de Jesus pulsou de amor por nós e procuramos ainda corresponder ao Seu Amor Infinito pelas nossas almas.

Celebremos com fervor êste mês.

Maior freqüência de comunhões e mais bem feitas.

Propósito de não deixar as Primeiras Sextas Feiras.

Consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus.

No dia próprio uma festa de piedade, de amor, de reparação.

### Santo António

Santo António, o grande Santo português, conhecido e venerado em todo o mundo é festejado hoje, 13, em tôda a Igreja.

Por todo o mundo se dizem missas em sua honra e cantam seus louvores no Ofício Divino.

Santo António foi escolhido por especial protector de Portugal.

O dia de hoje serve para dêle impetrarmos um carinho especial pela nossa pátria comum.

Não é com bailes, fogueiras e descantes que se contenta o santo: é com orações, esmolas aos pobres e sacrifícios.

Pela devoção à Santíssima Virgem pelo amor ao Santíssimo Sacramento, pelo seu zêlo na salvação das almas Santo António tem muito que imitar.

# RAMALHETE ESPIRITUAL

**a oferecer por Portugal-Império à Senhora da Fátima, nas Suas «Bodas de Prata», pelos quási 10.000.000 de pagãos de Portugal-Império**

*Natureza:* — O «Ramalhete» é exclusivamente composto de:

Missas celebradas (ou mandadas celebrar), Missas ouvidas, Comunhões, Têrços, Via-sacras, Visitas ao Santíssimo, Sacrifícios.

Na sua confecção colaborarão tôdas as Paróquias do Império e tôdas as suas Missões e atender-se-á mais ao número de cooperadores do que à quantidade das «flores» indicadas. Deve ser o «Ramalhete» de todos os Portugueses.

*Fins:* 1 — Agradecer as especialíssimas finezas da Senhora da Fátima para com Portugal nestes 25 anos.

E êste brinde da gratidão portuguesa parece ser o mais delicado: se «quem meus filhos beija minha bôca adoça» e se as mães amam com preferência os filhos mais desditosos, com que transportes de amor jubiloso receberá a Mãe do Céu êste presente para os Seus «órfãos»!

2 — Dar uma resposta «nacional» à Encíclica de SS. Pio XII a Portugal.

3 — Despertar a atenção do Povo Português para a sua vocação missionária.

4 — Colocar à disposição de todos um meio a todos acessível de cooperar na «mais importante e mais santa de tôdas as obras católicas» (Pio XI «Gratum nobis» de 23-V-1923).

5 — Implorar assim a Misericórdia Divina para a Nação, segundo aquela Palavra: «sede misericordiosos e alcançareis misericórdia».

6 — Merecermos ouvir um dia, dirigida, a nós aqueloutra palavra: «o que fizestes aos mais pequeninos dos Meus irmãos, foi a Mim próprio que vós o fizestes».

**Nota** — A «Acção Missionária» fornece de graça pagelas de propaganda e livrinhos para apontar os actos de devoção feitos por intenção do «Ramalhete».

# VOZ DA FÁTIMA

**DESPESAS**

| | |
|---|---|
| Transporte ... ... ... ... | 2.098.745$94 |
| Franq. emb. transporte do n.º 224 ... ... ... | 4.881$62 |
| Papel, comp. e impressão do n.º 224 ... ... | 22 667$65 |
| Na Administração ... ... | 252$00 |
| Total ... ... ... | 2.126.547$21 |

**Donativos desde 15$00**

D. Maria da Conceição Baptista, Bombarral, 20$00; Joaquim Pires, Mondim de Basto, 25$00; D. Maria Salomé Araújo Dinis Costa, Angra, 20$00; Condessa de Margaride, Guimarães, 20$00; Abel de Carvalho, Régua, 50$00; D. Maria Almeida, Mirandela, 20$00; D. Maria da Conceição Pereira, Lisboa, 15$00; Marcolino Jacinto, Lisboa, 15$00; José Jacinto, Lisboa, 15$00; D. Maria de Lourdes V. Sá Martins, Rio de Janeiro, 20$00; Duarte José de Oliveira Carmo, Alenquer, 20$00; D. Ana Dias Leite Machado, Guimarães, 50$00; D. Serafina Soares Nunes, Califórnia, 50$00; António Pereira da Costa, Sinfães, 20$00; João Passos de Sousa Carvalho, Lisboa, 20$00; Manuel de Sousa Fagulha, Paialvo, 41$60; Luís de Sousa Moreira Ribeiro, Caldas da Rainha, 20$00; D. Adelaide Barroso, Elvas, 50$00; José de Freitas Lima, Guimarães, 40$00; Manuel Mendes de Matos, Rio de Janeiro, 100$00; D. Adelaide Braamcamp Mello Breyner, Santarém, 20$00; D. Maria de Sousa, América, 25$00; D. Clara Maria Albarrol, Miranda do Corvo, 50$00; D. Maria da C. Guerra Sousa, Lisboa, 15$00; D. Maria Luísa Ferreira, Parede, 15$00; Porfírio Gonçalves, Lisboa, 15$00; Anónimo, de Pernes, 20$00; D. Adelaide das Dores Canada, Santarém, 20$00; D. Emília Vilhena Rebelo, Faro, 20$00; Domingos da Silva Ferreira, Foz do Douro, 250$; D. Brígida Oeth Bacelar Cherfeld Caldas de Aregos, 20$00; António Ribeiro, Pôrto, 50$00; D. Suzana de Sousa Pinheiro, Pôrto, 30$00; D. Maria Ferreira da Silva, Pôrto, 30$00; Esmolas de vários por intermédio do sr. Abel Pinheiro de Vasconcelos, 32$00; D. Berta Lopes Monteiro, Lisboa, 20$00; D. Maria da Graça, Felgueiras, 20$00; D. Ernestina Augusta Nunes, Avis, 20$00; António Rodrigues Pinto, Cadaval, 20$00; Eduardo António, Mogadouro, 20$00; Diogo Joaquim de Almeida, Mogadouro, 20$00; D. Maria da Conceição Borges, Lousada, 20$00; D. Odette Dias Cabral, Estarreja, 20$00; José da Silva Carreira, S. João da Madeira, 20$; Jorge Barata, Tua, Douro, 20$00; D. Inês da Costa Pessoa, Algés, 20$00; D. Maria da Conceição Dias, Lisboa, 20$00; P.e António Martins Palhares, Lanhezes, 15$00; D. Guilhermina Sales, Lisboa, 20$00; D. Lídia de Medeiros Ferreira, Pôrto, 20$00; D. Ana Patrocínio Neves, Lisboa, 120$00; D. Amália Alves Trindade, Alvito, 50$00; D. Rita de Jesus Barbosa de Sá, Rio Maior, 15$00; António Alexandre, Seia, 40$00; José Luís Nunes, Cadaval, 20$00; Manuel de Almeida Nunes, Viseu, 30$00; P.e António Soares Monteiro, M. de Canavezes, 125$00.


A Mão Dum Santo

E' para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (*remédio das dôres*) faz desaparecer ràpidamente as pontadas (dôres nas costas e no peito); as dôres musculares e articulares; dôres de reumatismo e lumbago (dôres dos rins); nevralgias e enxaquecas; dôres resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torcicolos, caimbras e frieiras; dôres dos pés (que se molestam com o andar) e tantos outros incómodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém còrantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

*Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incomodativos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.*

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Tubo 8$50 — Boião 13$50

*Agentes: José Bento Costa, Ld.ª*

*Rua do Arco do Bandeira, 138, 1.º — LISBOA*



LEITE MATERNO

Não há nada que o substitua. Tôdas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando êste tenha faltado por completo. Gôsto explendido.

Frasco, 20$00 Nas Boas Farmácias



Enfim... sós!...

OS SALTOS E AS SOLAS

ENFIM

cómodos, não escorregam, não dilatam, duram... duram... são quasi sem fim.

ESTÁ FEITA A PROVA


Este número foi visado pela Censura

# Três curas extraordinárias?

Com grande reserva damos apenas a título de informação uma resumida notícia de três curas de que a imprensa se ocupou.

## Na Fátima

Todos oram com fervor. Começa a bênção individual dos doentes. De-repente, um borborinho agita os fiéis que se comprimem em volta do recinto reservado. E logo dezenas de vozes clamam jubilosas:

— Milagre! Milagre!

Que se passara?

Sôbre o colchão de uma maca está deitada uma mulher ainda nova. Chama-se Assunção Lança Palma. É natural de Almodôvar, no distrito de Beja, onde reside. Tem 35 anos de idade, é casada e mãe de dois filhos, um menino e uma menina. Muito doente — tolhida há cinco anos — havia sido internada no Albergue na véspera à tarde. O seu médico assistente é o sr. dr. José Rodrigues e Rodrigues. Atentamente observada ao inscrever-se no registo do Pôsto das verificações médicas, foi confirmado o diagnóstico de paralisia geral, proveniente de um quisto hidático na base do pulmão esquerdo e espondilose da quarta e quinta vértebras dorsais. Diz sentir-se curada. A sua alegria é indizível. Move os braços durante tão longo tempo inertes e depois reza profundamente comovida e cheia de reconhecimento para com a Virgem. Diz ela a um jornalista do Pôrto que a interroga:

«Cheguei aqui cheia de dores e agora não sinto nada. Mexo as mãos e os braços. Como é grande o poder de Deus! Nossa Senhora ouviu os meus filhos».

Os clínicos do Pôsto do Santuário reservaram o seu juízo àcêrca da natureza dêste caso, embora desde já reconhecessem notáveis melhoras na feliz privilegiada da Virgem.

## Uma cèguinha

Com o título **Os cegos vêem** publicou o «Novidades» (n.º 14.579 de 16 de Maio passado — 4.ª Página 3.ª coluna ao meio) a notícia da cura duma cèguinha que parece revestir-se dos sinais duma cura miraculosa.

Eis como o «Novidades» o conta:

É natural de Espinho e não deve ter mais de vinte e cinco anos. Cegou aos oito dias de nascida, devido a uma infecção.

Os pais, como os médicos tivessem diagnosticado cegueira total e incurável — diagnóstico (note-se bem) que se mantém, passaram a levar a criança a Fátima todos os anos, a 13 de Maio, na esperança de que recuperasse a vista, graças a Nossa Senhora.

Aparentemente o estado da cèguinha era sempre o mesmo; mas notaram, com estupefacção os pais, que a pequena, a partir de certa altura, começou a dispensar qualquer auxílio estranho para se orientar, para evitar os obstáculos, etc..

Na Cova da Iria pudemos, surpreendidos, assistir a experiências que varreram o nosso espírito qualquer vestígio de incredulidade a tal respeito. Anda como qualquer outra pessoa sem, para isso, ter necessidade de socorrer-se do amparo de ninguém.

Vê as horas, descreve com todos os pormenores um emblema que se traga na lapela, descobre os mínimos defeitos físicos de uma pessoa, em suma, vê e descreve o que viu, sem influência ou sugestões de ninguém.

O mais curioso e extraordinário de tudo isto é que os médicos afirmam categòricamente a impossibilidade física de ela ver e realmente ao olhar para ela tem-se a impressão de que os médicos não se enganam».

Não sabemos o nome nem a naturalidade exacta e direcção da cèguinha. Pedimos aos pais que nos informem com urgência e clareza do que se passou. Igual pedido fazemos ao Rev. Pároco da freguesia para averiguar o que há de verdade e de extraordinário em tudo isto.

## Uma pobre mulher da Afurada, que sofria de grave doença foi a pé até à Cova da Iria e voltou boa, segundo afirma

Tal é o título duma notícia publicada em «O Comércio do Pôrto» de 17 de Maio passado 3.ª página 2.ª col. ao fundo e donde extraímos com a devida vénia:

«A *ti* Maria do Varredor acercou-se da caminheta e contou a sua odisseia. Levou-lhe cinco dias a chegar à Fátima e depois da bênção dos doentes, sentiu-se bem... e dispunha-se a seguir para a Afurada, novamente, a pé. O proprietário da caminheta sr. José Pereira Rodrigues, de Vilar de Andorinho, quando teve conhecimento da odisseia da pobre enfêrma, ofereceu à mulher um lugar na caminheta, atitude que merece os maiores elogios. E a mulher veio, assim, até à Afurada, na caminheta, proclamando estar curada.

A pobre mulher chama-se Maria de Jesus Gomes da Silva e, como sofre, há anos, de tuberculose pulmonar, pediu o atestado no Dispensário do Pôrto, onde anda em tratamento, e foi a pé, não só levada pela fé em Nossa Senhora da Fátima, como por não ter meios.

Na Fátima, apresentou-se no hospital, foi examinada pelos médicos, sendo admitida como doente a quem coube o número 392.

— Foi depois da bênção — disse-nos a mulher — que senti um alívio e sinto-me bem. Apetece-me comer e ando sem dificuldade.

A caminho da Fátima — diz a mulher — tive muitas hemoptises, tendo sido socorrida nalguns lugares por onde passei, por gente pobre que me deu chá...

Na Afurada todo o povo a conhece, como tuberculosa que se arrasta a custo para grangear o pão de cada dia. Causou, portanto, grande satisfação, para aquêle bondoso povo, quando viram a *ti* Maria do Varredor sair da caminheta e gritar que estava curada».

Agora falta-nos que a Senhora Maria de Jesus Gomes da Silva nos mande notícia pormenorizada, com atestado médico, radiografia da cura e já para se fazer estudo metódico do seu caso.

E até lá vamos dando graças a Deus por tantas maravilhas que opera no meio de nós.

## Tiragem da «Voz da Fátima»

no mês de Maio

| | |
|---|---|
| Algarve | 5.412 |
| Angra | 20.142 |
| Aveiro | 7.839 |
| Beja | 3.299 |
| Braga | 83.090 |
| Bragança | 12.024 |
| Coimbra | 13.954 |
| Évora | 4.825 |
| Funchal | 12.463 |
| Guarda | 19.194 |
| Lamego | 11.570 |
| Leiria | 14.331 |
| Lisboa | 11.778 |
| Portalegre | 11.282 |
| Pôrto | 51.772 |
| Vila Real | 23.859 |
| Viseu | 9.784 |
| | 316.618 |
| Estrangeiro | 3.259 |
| Diversos | 23.303 |
| | 343.180 |

## As senhoras portuguesas

que se prezam de ser cristãs e patriotas e ao mesmo tempo devotas de Nossa Senhora da Fátima não podem deixar de ler a revista «*Stella*», destinada a ilustrar o seu espírito e a formar a sua mentalidade em harmonia com os princípios da fé que professam e com as exigências da cultura feminina moderna.

Assinatura anual para o Continente e Ilhas Adjacentes: esc. 25$70. Pagamento adiantado. À venda em Lisboa na «União Gráfica» e no Pôrto na «Livraria Editora Educação Nacional». Dirigir os pedidos de assinatura à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

# O CULTO

## de Nossa S.ª da Fátima

### EM TIMOR

#### Mais uma capela a Nossa Senhora da Fátima

Alguém, há tempos, descrevendo a festa da inauguração duma airosa capelinha dedicada a Nossa Senhora da Fátima construída apenas em seis meses, atribuía êste facto a um milagre da Virgem da Fátima.

Também agora quási se poderia chamar milagre ao facto de se ter elevado mais uma capela a Nossa Senhora da Fátima, não em seis meses, mas em quatro anos.

Foram lançadas as primeiras pedras em princípios de 1936 com tôda a boa vontade dos Revs. P.es Januário e Parada. Porém o povo que ao princípio se mostrava animado da melhor boa vontade, tornou-se depois inteiramente indiferente, apesar do zêlo incansável dos Revs. Missionários.

No entanto, graças a Nossa Senhora, em 13 de Novembro passado, era uma realidade a inauguração da capela a que poderíamos chamar igreja, pois mede 25 metros de comprimento por 8 de largo.

A inauguração revestiu grande esplendor. Os Chefes das duas Fatumacas tiveram a feliz idéia de conduzir a imagem de Nossa Senhora em triunfo até à nova igreja. Um missionário prontificou-se a acompanhar o povo em todo êsse trajecto, que era de dez quilómetros e meio!...

O andor foi transportado pelos chefes mais categorizados e acompanhado por algumas centenas de «moradores» com os seus característicos uniformes, já quási sem côr, todos armados de varapaus a fingir espingardas, marchando ao som ensurdecedor de uma dúzia de tambores.

Ao chegar à nova capela aguardavam a linda imagem da Virgem, o catequista e os cristãos que, radiantes de alegria, irromperam em harmoniosos cânticos apropriados.

No dia seguinte, benzido o novo templo, houve missa cantada e um modesto arraial. A satisfação e o contentamento era geral.

Oxalá Nossa Senhora da Fátima, com sua poderosa protecção, mova o coração desta gente, até agora tão pertinaz e faça desta nova «Cova da Iria» um centro de amor à Mãe do Céu.

Baucau 20/11/940

### EM KARJAT (ÍNDIA)

No último domingo a estação de Karjat, de pouco movimento, mostrava uma animação desusada, com grupos de peregrinos, vindos de Bombaim, Bandra, Santa Cruz, Kalyan, Vipuri, Lanaola e Poona, que foram chegando desde as primeiras horas da manhã para levarem a sua homenagem de louvor e acção de graças ao pitoresco Santuário de Nossa Senhora da Fátima, que fica a pequena distância. Houve quatro missas, coisa também desusada em Karjat, para os peregrinos poderem cumprir o preceito dominical, à medida que iam chegando os grupos. Membros do orfeão do Seminário e a orquestra que veio de Khandola, executaram os cânticos a acompanhar as duas últimas missas. Os Padres O. Moré e A. Comes, prègaram exortando os peregrinos a levar aos seus amigos como mensagem da Mãe do Céu, a reza do Rosário em família, como reparação dos pecados do mundo, meio de afervorar as missões da India e remédio para as tribulações que sofrem as famílias e a sociedade. Em Katharis, católicos e catecúmenos de tôdas as choupanas das cercanias assistiram em grande número a tôdas as práticas religiosas dentro e fora da capela apinhados às portas e janelas. No fim foi servido um substancioso farnel, graças à generosidade dos peregrinos, a maior parte dos quais são também ordinários benfeitores da missão de Katharis.

(Da revista «The Examiner» de Bombaim, de 19 de Outubro de 1940.)

# GRAÇAS

## de N.ª Senhora da Fátima

### NO CONTINENTE

**D. Ofélia Queirós — Lisboa,** diz que tendo-lhe sido extraído o rim direito em Julho de 1934, em feliz intervenção cirúrgica, ficou passando bem nos meses que se lhe seguiram. No fim de Setembro declaram-se os mais acentuados sintomas de que também o rim esquerdo estava contaminado e portanto nada mais havia a fazer. Esperando a graça da sua cura, resolveu-se a ir à Fátima no dia 13 de Outubro. As dores eram horríveis. Apresentou-se ao médico, chefe das Verificações Médicas, dr. Pereira Gens, que confirmou a gravidade da doença. Recebendo a bênção do Santíssimo Sacramento, sentiu que alguma coisa se passou em si de extraordinário, e chorou então lágrimas de alegria. Sentia-se bem. No regresso a Lisboa visitou a Batalha e Alcobaça, andando por um lado e outro e sempre bem disposta. Não mais sentiu as terríveis dores do rim. Para receber uma confirmação clara da sua cura, foi ter com o médico operador contando-lhe tudo o que sentira antes de ir à Fátima com o que êle ficou alarmado, mandando que logo tirasse outra pielografia. Passados dias, examinando a chapa verificou que o rim estava purissimo.

A mesma senhora diz que em Maio de 1935 tendo adoecido, tirou uma radiografia aos pulmões por ordem do clínico dr. Pedro Martins que ao verificar o resultado, lhe aconselhou um repouso absoluto e o maior cuidado, pois estava a um passo duma tuberculose. «Eu, diz, cada vez me sentia pior; tinha ataques de fraqueza dos quais julguei morrer; a todo o momento sentia a vida faltar-me, nem fôrças tinha para respirar; as temperaturas não me largavam; o fastio era horrível, não dormia, e sempre com dores no lado direito, não podendo fazer o mais pequeno movimento». Em Outubro de 1935 voltou à Fátima, recebeu a bênção do Santíssimo Sacramento sentindo os mesmos efeitos extraordinários do ano anterior. Sentia-se bem; fêz a viagem esplèndidamente e sem fazer qualquer tratamento as dores desapareceram, a temperatura normalizou-se e até hoje faz a sua vida normal de trabalho. Cheia do maior reconhecimento vem agradecer a Nossa Senhora.

* * *

**Marina das Dores Peixeira,** solteira, de 20 anos de idade, natural da freguesia do **Souto de Penedono,** onde reside, declara que desde a idade de cinco anos começara a sentir-se mal de uma perna, mal que foi sempre aumentando até se formar em volta do joelho um papo que alguns médicos de Coimbra e Pôrto classificaram de tumor branco.

Estava impossibilitada de trabalhar, de ajoelhar e só a custo andava, ainda amparada a umas muletas. A tratar-se esteve no Hospital de Coimbra por três vezes, com intervalos regulares: 2 meses da primeira 10 da segunda e da terceira 9. Seguiu sempre, com todo o cuidado, o tratamento indicado pelos médicos e como não achasse melhoras, antes via aumentar os seus males, aceitou ainda o oferecimento que uma senhora, residente no Pôrto lhe fêz, de a levar para aquela cidade, onde esteve em tratamento pelos melhores médicos, pelo tempo de cinco meses.

A doença continuava rebelde a qualquer acção dos médicos; desanimada mas sem ter perdido a resignação, voltou para a sua terra descrendo da medicina e crendo que ia ser curada por Nossa Senhora da Fátima. Volta-se então para Ela cheia de fé; pede-lhe a saúde, promete-lhe mandar celebrar uma missa e publicar o favor recebido; em breve, começou a sentir melhoras e hoje pode ajoelhar, andar sem muletas e trabalhar, transportando à cabeça pesos muito regulares.

Cheia de reconhecimento e em cumprimento da sua promessa feita a Nossa Senhora da Fátima, pede a publicação desta graça no jornal «Voz da Fátima».

* * *

**D. Prazeres dos Santos Frei — Mogrão — Macedo de Cavaleiros,** tendo caído duma varanda sôbre um portal guarnecido de ferros terminados em lança, perfurou a parede abdominal, sendo grave o seu estado a tal ponto que não permitia que a transportassem para um Hospital. Recebeu os sacramentos e previa-se o desenlace fatal, quando o marido e os filhos recorreram a Nossa Senhora da Fátima pedindo um milagre. Passados 25 dias a doente levantou-se do leito.

*Segue-se o atestado médico*

«Eu, abaixo assinado, declaro que observei Prazeres dos Santos Frei, dia 12 de Feevereiro p. p., após um acidente sofrido, donde resultou a perfuração da parede abdominal, causada pela queda sôbre um portal onde existiam alguns ferros com 18,cm5, e um deles entrando ao nível da região inguinal, dirigido de cima para baixo, perfurou a parede abdominal indo provocar uma peritonite. Esta doente que *deveria ter sido hospitalizada,* para lhe ser instituído um tratamento conveniente, *não o foi,* por se tornar impossível o transporte, atendendo ao *estado grave da doente,* pois que além da perfuração referida, existia grande *hemorragia interna,* tendo sintomas evidentes de *anemia aguda* intensa. Instituí-lhe o tratamento que numa *aldeia sertaneja* e sem meios de comunicação, nem qualquer outro recurso, *se podia fazer,* ficando depois a enfermagem a ser feita *por uma vizinha, sabe Deus em que condições.* E nesta situação, *passados 25 dias* principiava a levantar-se da cama.

Macedo de Cavaleiros,

AMADEU PIRES PEITO
*médico municipal e delegado de saúde*

#### Agradecem graças diversas alcançadas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

D. Amália das Dores Alves Trindade, de Alvito; D. Maria Cecília Gonçalves, da Trafaria, agradece a cura do seu filho a quem deu a beber água do Santuário da Fátima; D. Ana de Barros Silva, de Arcozelos; D. Maria de Jesus Pinto, do Pôrto; D. Maria Marta Vargues, de Moncarapacho; D. Eulália Serra Nunes da Silva; José Nunes da Silva; D. Alice Bessa Lima Pinto, do Pôrto; Alexandre Amorim Pinto, ibidem; D. Maria Elisa Lima Pinto da Costa, ibidem; José A. Teixeira da Costa, ibidem; Cipriano Pires, de Beja; D. Ana Gonçalves Pontes, Póvoa de Varzim; D. M. dos S. Guerreiro, Mina de S. Domingos; D. Carolina Augusta Mendes Durão, Algés; António do Carmo Rafael, Vila Real de Santo António; D. Aurora dos Santos, Feiteira; D. Odette Kuski, Pôrto; Casimiro da Conceição, Valbom; Manuel Dias, Milreu; D. Zulmira Pires, Évora; D. Maria Joaquina dos Reis, Matos, Ourém; D. Gracinda de Jesus, Parceiros, Leiria; D. Glória Dias Teles de Menezes, Figueira da Foz; D. Deolinda de Jesus, Peras Ruivas.

### NA MADEIRA

D. Genoveva Leonilde Abreu, Funchal; D. Gabriela Gonçalves, Funchal; D. Maria de Sousa M., Funchal; D. Maria Viana, Funchal; Manuel Moreira Júnior, Funchal.

### NO BRASIL

Octávio Vieira da Silva, Fortaleza, Ceará; D. Noémia Mendonça de Almeida, Maceió.

### NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

**D. Maria Avila — Laton — Califórnia,** diz ter escapado milagrosamente duma perigosíssima doença, depois de uma novena e outras preces a Nossa Senhora da Fátima.

* * *

**D. Vigínia Rodrigues Maurício — River Mass,** sofrendo do coração e estando desenganada dos médicos recorreu a Nossa Senhora da Fátima, dizendo-se curada, e já desde então são decorridos dois anos.

PALAVRAS MANSAS

# Paz e Alegria

*Um prègador, tão grande pela fé como pelo génio, preguntava um dia, no púlpito, se deante da morte, das sombras e dos desenganos da morte, podia ainda falar da grandeza e da glória no sentido que estas palavras costumam ter para o mundo.*

*Debate-se com a mesma dúvida e a mesma hesitação quem houver de falar em paz e alegria nos dias incertos e enevoados que passam.*

*Para os ímpios não há paz, como ensina a Escritura. O afastamento de Deus perturba e desorienta.*

*Mas deixemo-los por agora entre o seu orgulho e a sua inquietação. E para os outros?...*

*A guerra vai a tôda a parte, ou como flagelo interno ou como repercussão económica e sobretudo moral. Aqui lágrimas e sangue, além dúvidas, preocupações, ansiedades, pavores...*

*Diz Pascal nos* Pensamentos, *naquele seu estilo incisivo e lapidar, que o homem procura a paz através da agitação. Como encontrá-la assim, se, pobre dele, vai por caminho errado?! A paz não é luta, febre, ansiedade, fadiga, aturdimento, a paz não é prazer, cobiça, insubmissão... A paz é certeza, disciplina, ordem, confiança...*

*O fruto pende da árvore. Não há paz, não há alegria. Até a gente moça começa a sentir prematuramente o pêso da cruz da vida. Continua a rir, como é próprio da idade, mas ri com menos despreocupação e menos facilidade.*

*Há, quando muito, uma alegria afectada e superficial, que não passa pelo coração, pelo sol da vida interior... Depois das campanhas da Grécia, já ninguém sabe onde param as cinzas risonhas de Democrito.*

*Não há a alegria ambiente, florescência da vida despreocupada e tranqüila.*

*É por isso que a gente freqüentadora dos espectáculos públicos é hoje muito pouco exigente. Coma anda a fugir de si própria, se lhe derem alguns momentos de ilusão e aturdimento, aplaude e dá-se por satisfeita.*

*Mas então no mundo de hoje, não haverá possibilidade de se viver em paz e de se ter alegria? Há, mercê de Deus. Podemos viver assim, mesmo no mais aceso da guerra...*

*Dí-lo o padre Foch, muito lido nos mestres da vida espiritual, com uma experiência viva e uma piedade sólida.*

*O seu livro* Paz e alegria, *tão pequeno no formato e tão grande no ensinamento, tem lanços que parecem de auto-biografia interior. Norma que se oferece, como um bem que se reparte...*

*A leitura do livro obriga a pensar no marechal Foch, irmão do autor, que venceu Clemenceau e venceu a grande guerra. Um cavaleiro cruzado em pleno século XX. Depois do milagre do Marne o milagre de êste homem poder salvar a França, que, prevertida pelo laicismo, matava como Jerusalém, os seus profetas. A alma cristã do marechal, calma, forte e generosa, está muito dentro do livro, como era de presumir. A mesma fé, o mesmo sangue, o mesmo lar, a mesma educação naqueles anos de candura e de pureza, em que, no dizer de José de Maistre, é decisiva nos filhos a influência das mães.*

*Há em nós paz e alegria quando a vontade de Deus se sobrepõe habitualmente à nossa vontade tôda humildade, renúncia e submissão. Parece-nos, como diz alguém, que é mais fácil resistir à vontade de Deus do que à nossa vontade, e deve ser o contrário. Quando se abandona tudo a Deus fica-se em paz. A vida de hoje tão apreensiva e triste torna esta lição antiga, que todos os santos viveram com mais ou menos rigor, simplesmente actual e oportuna.*

*O padre Foch soube expô-la com simplicidade, método, unção, sentido da vida interior, luzes da mais segura e autorizada procedência. Paz e alegria nas almas, para maior glória de Deus.*

*A tradução foi feita com fidelidade e devoção por um meu antigo discípulo, hoje professo na Companhia de Jesus.*

*Vi-o a última vez nos seus dias de noviciado, muito satisfeito, fervoroso e identificado já com o espírito da casa em que se encontrava. Pela conversa, notei ràpidamente que, longe de me esquecer, ainda me queria bem.*

*Era num velho convento sobranceiro ao Douro, o rio que, lá mais em cima, ajudou há muitos anos a embalar o meu bêrço...*

*Às noites, os noviços quedavam-se no recreio, para erguerem cânticos religiosos, que eu ouvia, na minha cela, comovido e encantado. A música surpreendente, com uma sugestiva afinação de coral, espraiava-se largamente, de riba a riba, entre as águas do rio e as estrêlas do céu... A boa gente de Alem havia de imaginar que a própria noite, tão erma de vozes e luzes, ajoelhava aos pés de Deus, com os noviços, a rezar e a cantar...*

*Que saüdades! Paz e alegria...*

*A tradução diz-me que o meu antigo aluno vai mais longe no bom caminho — mais de Deus, mais imolado.*

*Ofereceu-me o livro outro discípulo amigo, que me honra muito com os seus trabalhos no púlpito e na imprensa.*

*Quem ensina com um pouco do coração, mercê de Deus, encontra pela vida fora as mais gratas compensações.*

CORREIA PINTO

**NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.**

# CRÓNICA FINANCEIRA

Sejam quais forem as esperanças de paz que possam surgir, não se vá pensar que o fim das dificuldades económicas está próximo. Ainda mesmo que a guerra acabasse já, as dificuldades continuariam durante meses, talvez durante alguns anos. É bom não esquecer o que sucedeu na outra guerra que, apesar de tudo, continua sendo a *Grande*. Em Portugal, pelo menos, enquanto duraram as hostilidades, não chegou a faltar nenhum artigo de primeira necessidade. Os preços foram subindo, mas havia de tudo, salvo uma ou outra coisa de somenos importância que habitualmente vinha da Alemanha. As verdadeiras dificuldades começaram meses depois de terminada a guerra.

Lembro-me bem de que a falta de açúcar e de trigo só começou a sentir-se de forma brutal em 1920, depois de quási dois anos de findas as hostilidades. Só neste ano e já no verão, se começou a racionar o açúcar, à razão de meio kilo por semana e por família! A falta de trigo chegou a ponto de se fazer pão de tudo que pudesse ser reduzido a farinha. Dizia-se então que até casca de pinheiro moiam para fazer pão. O caso é que o pão que se vendia ao público era horrível. O azeite era intragável. As doenças grassavam por tôda a parte. O signatário destas linhas, tais porcarias ingeriu em Lisboa, onde tinha de demorar-se por ser deputado, que apanhou uma espécie de envenenamento que o teve de cama durante seis meses... Isto, como diziamos, dois anos volvidos sôbre o fim da guerra!

Ora a que eram devidas principalmente tôdas estas dificuldades? A falta de transportes, motivada por duas causas: a destruïção que tinha sido feita durante as hostilidades na marinha mercante dos beligerantes e até dos neutros; e a carestia provocada pela concorrência das próprias nações beligerantes que açambarcavam para se reabastecerem ràpidamente, o máximo de tonelagem que podiam.

Desta vez sucederá o mesmo. No dia em que as hostilidades terminem e os mares se tornem livres, o comércio inglês, francês, alemão, italiano, etc., a quem a guerra esgotou os *stocks*, lançar-se-á com unhas e dentes sôbre a tonelagem disponível e açambarcará tudo em proveito próprio. Nós, pequeninos como somos, ver-nos-emos em palpos de aranha para arranjar barcos que nos tragam os géneros que importamos mesmo das nossas colónias.

A situação que nos foi criada pela outra guerra, repetir-se-á nesta na mesma proporção, isto é, com efeitos agravados, porque se a outra guerra foi a *Grande* pela mortandade que fêz, os estragos feitos por esta na riqueza dos beligerantes é muito mais considerável. As nossas dificuldades de abastecimento só começarão verdadeiramente no fim da guerra, supondo que esta acaba breve, o que nos custa a crer, não obstante... a pomba que voou da arca por sôbre as ondas tempestuosas. Se esta guerra se prolongar, a tonelagem disponível no mundo para nosso serviço será cada vez menor, e chegaremos a ponto de nos vermos reduzidos aos nossos próprios recursos, isto é, aos produtos das nossas terras e aos daquelas fábricas que trabalham com matérias primas nacionais, que são bem poucas.

A conclusão a tirar destas singelas considerações é esta: quer a guerra dure muito, quer pouco, a vida de Portugal está nas mãos da lavoura. É nestes momentos de *crise* profunda que se vê que o único elemento que é seguro e fundamental na economia portuguesa é a terra.

*Pacheco de Amorim*

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª série)

X

# A vacinação contra as bexigas

Na primeira série dêstes artiguinhos, já me ocupei da prevenção das bexigas por meio da vacina (J. A. PIRES DE LIMA — **Palavras de um médico** — Noções de medicina preventiva — 1940 — Edição do Santuário da Fátima — Cova da Iria — Capítulo XIII — pág. 53).

Proponho-me agora actualizar o assunto, resumindo um artigo publicado na revista **Paris Médical**, de 28 de Fevereiro passado.

Como a vacina que agora se prepara é muito activa, para que não provoque reacção violenta, deve inocular-se muito levemente. Bastam duas escarificações superficiais, muito distantes uma da outra, de um milímetro de comprido, o máximo, de preferência num braço.

Como é sabido, antigamente praticavam-se duas ou três escarificações em cada braço, o que, às vezes, acarretava inconvenientes.

O ilustre autor daquele artigo informa que se contenta com uma única escarificação bem feita.

Nas meninas é de uso preferir o membro inferior, para inocular a vacina, Lereboullet aconselha a parte inferior duma das perninhas, por cima do tornozelo de fora, ou então o peito do pé.

Nesses locais é mais fácil obter a necessária limpeza.

A vacinação não deve ser praticada cedo demais, porque, nas primeiras semanas de vida, a criancinha pode ainda manter a imunidade transmitida pelo sangue da mãe.

Essa pequena operação deve ser praticada no fim do segundo mês, ou princípio do terceiro.

Como quer que seja, nunca a vacinação deverá ser deixada para depois do quinto mês, o que poderia acarretar graves conseqüências, como a inchação do braço e outros inconvenientes.

A regra, portanto, é vacinar as criancinhas entre o segundo e o quinto mês e verificar se a vacina **pegou**.

Depois deve praticar-se a revacinação sistemática aos sete e aos vinte anos.

As nações que assim procedem viram desaparecer a varíola. No ano de 1939 não se verificou nem um só caso de bexigas em França.

**J. A. Pires de Lima**

**Errata** — No artigo VIII publicado no n.º 223, na fala do Anjo do «Auto da Barca do Inferno» deve ler-se **fazeres** e não gozares.

# O sentido católico da vida de Nun'Alvares

O têrmo «católico» tem apenas um sentido, dentro da Igreja, mas, infelizmente há por aí muita espécie de católicos.

Católicos verdadeiros, sinceros, reais e católicos de nome, de aparência, *de garganta*.

Há católicos que acatam sem hesitação e com edificante docilidade as instruções da Igreja, mas também os há que tudo criticam desde os seus irmãos na fé até aos Senhores Bispos e ao Papa.

Deixemos ficar os tristes que se afundam no lameiro do seu orgulho incomensurável quando pretendem ridiculamente erguer-se contra a autoridade dos que têem o direito e o dever de orientar e mandar. Dirijamos o olhar para o outro sector: o dos filhos dedicados da Santa Igreja.

Nun'Álvares aparece-nos entre êles como uma figura de primeira grandeza. Sacerdotes, Bispos, o Papa cercava-os êle de singular respeito e reverência. E tal era a admiração pela grandeza do sacerdócio que, tendo entrado na vida religiosa, nunca, por humildade, quis subir à dignidade de sacerdote, ficando sempre frade leigo ou donato.

A própria guerra em que, durante anos, andou envolvido não era só em defesa da Pátria mas em defesa da Fé Católica contra o Castelhanos que obedeciam ao falso Papa de Avinhão, enquanto os Portugueses obedeciam ao Papa de Roma.

Já velho, monge, afastado das lidas guerreiras Nun'Álvares remoça e exulta com a emprêsa de Ceuta pois vê nela um meio de dilatar a fé católica.

Nesta hora de loucura e desvarios até sob êste ponto de vista é providencial voltar os olhos da Mocidade para essa tão grande figura de português que com a sua vida ensina aos portugueses de todos os tempos a sentir, pensar e agir lealmente com a Santa Igreja e grita bem alto que, nascido católico, Portugal é tanto maior quanto melhor os seus filhos realizam no mundo a missão que Deus lhe marcou: ser um arauto do Evangelho e prègador do Catolicismo.

## RELÓGIO DE OIRO

Desapareceu na Cova da Iria (Fátima) no dia 13 de Maio. Como não foi entregue na casa dos objectos achados, avisam-se as casas prestamistas, ourivesarias e relojoarias para o apreenderem no caso que êle apareça à venda. Comunicar ao sr. Miguel dos Santos, R. Alexandre Herculano, Pinhel.

## A QUEM PERDEU

Dentre os objectos achados na Cova da Iria (Fátima), estão alguns de ouro que se entregarão a quem provar que são seus.


## EM CADA CASA UM ALTAR

**Tal é o nosso desejo: que em Portugal não haja um coração que não ame a Mãe de Deus, nem casa que esteja privada da sua imagem veneranda.**

**Para isso nos não temos poupado a canseiras, despesas e propaganda.**

**Para isso temos apelado para o zêlo das almas de boa vontade.**

**Para isso mandámos fazer uma edição de 200.000 estampas lindas e baratas.**

**Porque espera?**

**Porque se não consagra e à sua família a Nossa Senhora da Fátima?**

**Porque a não entroniza no seu lar?**

**Parece-lhe pouco o que lhe devemos?**

**Ela é Raínha, Mãe e Advogada nossa.**

**Ela é Padroeira de Portugal.**

**Peça já as estampas à GRÁFICA — LEIRIA, enviando o dinheiro em vale de correio. Grandes, 5$00; pequenas 2$50.**